Iraque: O Contexto Social dos Explosivos Improvisados

Doutora Montgomery McFate

DENTRE AS armas mais letais enfrentadas pelas forças da coalizão no Iraque encontram-se os explosivos improvisados, cuja neutralização constitui-se em um desafio difícil, mas extremamente essencial. Até agora, as comunidades de tecnologia e ciência da defesa dos EUA têm se concentrado no desenvolvimento de soluções técnicas contra essas armas. Entretanto, os explosivos improvisados são um produto da ingenuidade humana e da sua organização social. Se conseguirmos entender o contexto social no qual são inventados, construídos e empregados, encontraremos uma melhor solução para vencê-los. O General Joseph Votel, comadante da Força-Tarefa (FT) Combinada de Explosivos Improvisados do Pentágono, comentou que os comandantes deveriam concentrar-se mais "no fabricante da bomba do que na própria bomba".[1]

A mudança desse enfoque, passando da tecnologia para os fabricantes dos explosivos improvisados, exige um exame do ambiente social no qual as bombas são inventadas, produzidas, distribuídas e empregadas. Para que possamos nos concentrar no fabricante da bomba será necessário uma compreensão sobre os quatro elementos que possibilitam o emprego desses dispositivos no Iraque: o conhecimento, a organização, o material e a população adjacente.

Conhecimento

Esses dispositivos, que estão matando os americanos no Iraque, não foram importados, mas sim planejados pelo regime de Saddam Hussein. Os especialistas na construção dessas bombas fazem parte de um grupo insurreto que são, em sua maioria, ex-membros do Serviço de Inteligência Iraquiano, conhecido como Mukhabarat.[2]

A unidade do Serviço de Inteligência Iraquiano denominada *M-21* (também conhecida por Projeto *Al Ghafiqi*) operava um laboratório onde os explosivos improvisados eram concebidos e fabricados. A construção dessas bombas na unidade *M-21* era um projeto cooperativo: "Nenhuma pessoa construía sozinha um explosivo improvisado. A fabricação desses dispositivos iniciava no departamento de química, onde se desenvolviam os materiais explosivos. O departamento eletrônico preparava os cronômetros e a instalação elétrica. O departamento mecânico produzia o sistema de ignição e o artefato explosivo propriamente dito."[3] A unidade *M-21* concebeu vários meios engenhosos de ocultar explosivos, tais como livros, pastas, cintos, coletes, recipientes para bebidas, assentos e tapetes para carros, e caixas de lenços de papel.[4] Essa unidade também produziu manuais para a condução de emboscadas em estradas utilizando bombas, manuais para a construção de dispositivos improvisados a partir de potentes explosivos convencionais, munições militares e manuais para destruir eficazmente um comboio ocultando um explosivo improvisado.[5] A unidade do Serviço de Inteligência Iraquiano *M-21* é a principal razão pela qual os insurretos iraquianos são tão adeptos à construção de dispositivos explosivos. Ela forneceu "os protótipos da insurreição pós-guerra que as forças dos EUA enfrentam atualmente no Iraque."[6]

No início de setembro de 2003, os explosivos improvisados tornaram-se mais sofisticados, evoluindo de simples ataques suicidas até artefatos improvisados mais complexos de controle remoto, instalados em carros e interligados em rede.[7] Um aumento tão rápido em sofisticação tecnológica indica a introdução de um conhecimento especializado no processo de elaboração e utilização. Essa sofisticação, que aumentou com tempo, também indica que a concepção e a construção de explosivos improvisados passaram a ser uma função

Departamento de Defesa

Elementos de Cavalaria Mecanizada estabelecem um ponto de controle em uma estrada iraquiana após encontrarem um explosivo improvisado. (julho de 2005) [Destaque] Materiais para a montagem de explosivos improvisados encontrados pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA em uma casa durante uma operação de busca em Fallujah, Iraque. (1º de junho de 2005).

especializada dentro da insurreição, em vez de uma função corriqueira.

A especialização funcional na fabricação e no posicionamento desses dispositivos sugere que há relativamente poucos especialistas que fabricam as bombas. Na verdade, o Exército Britânico acredita que os insurretos contam com um pequeno número de peritos para a concepção e a fabricação em massa desses dispositivos.[8] O General Martin Dempsy, comandante da 1ª Divisão Blindada do V Corpo-de-Exército (CEx) concorda que: "Deve haver um elemento central para o planejamento, outro para treinamento e ainda outro para o suprimento dos explosivos improvisados."[9]

Se a construção de bombas é uma função especializada, as forças da coalizão podem se beneficiar de duas formas. Primeira, se os construtores de bombas forem capturados ou mortos, o seu conhecimento especializado desaparecerá. Embora os manuais possam ser um grande auxílio, o conhecimento adquirido por anos de experiência é difícil de ser substituído por meio de instruções escritas. Conseqüentemente, a eliminação desses elementos especializados enfraqueceria a capacidade de fabricação em massa desses dispositivos. Segunda, por causa da especialização do funcionamento de bombas, os insurretos que planejam, transportam e detonam os explosivos ficam dependentes daqueles que as fabricam. Embora a insurreição seja organizada em células, vários membros de cada célula devem conhecer a identidade dos fabricantes das bombas para haver solução de continuidade caso estes sejam eliminados. Portanto, vários "usuários" dessa rede conhecem a identidade do construtor de bombas.

A identificação dos construtores de bombas deve ser, acima de tudo, prioridade, e o melhor meio de obtê-la é por meio da inteligência fornecida pelos "usuários". Portanto, sempre que possível, é melhor capturar ao invés de eliminar os membros dessas células.

Organização

O emprego dos explosivos improvisados também depende da existência de uma organização dedicada a essa tarefa. Segundo uma análise da FT de Inteligência Combinada, oficiais iraquianos da Seção de Operações Especiais e Antiterrorismo (também conhecida por *M-14*) são os responsáveis pelo planejamento dos ataques com explosivos improvisados.[10] Enquanto ainda eram

conduzidas as principais operações no Iraque, integrantes da *M-14* deslocaram-se por todo o país para liderar a insurreição. As operações foram desenhadas com pouco controle central, permitindo que as células continuassem ativas caso os comandantes fossem capturados ou mortos.

As fontes militares britânicas confirmaram que a insurreição consiste em células altamente organizadas que operam em pequenos grupos.[11] Normalmente, cada célula conta com uma variedade de integrantes especializados em tarefas distintas. Por exemplo, um grupo de insurretos consiste em 2 líderes, 4 substitutos e 30 integrantes. Separados de acordo com as atividades, havia dois financeiros, duas células de construtores de carros-bombas, um assassino, equipes de lança-rojões e morteiros e outros encarregados de ataques e emboscadas ao longo de estradas.[12] Os integrantes das células insurretas operam intermitentemente, misturando-se à população quando as operações são concluídas.

Se os construtores de bombas forem capturados ou mortos, o seu conhecimento especializado desaparecerá. Embora os manuais possam ser um grande auxílio, o conhecimento adquirido por anos de experiência é difícil de ser substituído por meio de instruções escritas. Conseqüentemente, a eliminação desses elementos especializados enfraqueceria a capacidade de fabricação em massa desses dispositivos.

Embora haja alguns combatentes estrangeiros, a maioria dos insurretos é iraquiana, vinculada à população por meio de laços familiares e relacionamentos sociais. A rede social mais importante no Iraque é a tribo. A maioria dos iraquianos faz parte de uma das 150 tribos principais, que são subdivididas em 2000 clãs menores. Os maiores clãs possuem mais de um milhão de membros e os menores alguns milhares.[13]

O colapso econômico do Iraque após a Guerra do Golfo Pérsico fez com que a rede tribal sunita passasse a ser o elemento mais importante do regime de Saddam Hussein, com seus membros fazendo de tudo, desde o trabalho de segurança até a retirada do lixo.[14] Humilhados durante a Operação Iraqi Freedom, retirados de suas posições de poder em conseqüência da eliminação do partido Baath e tendo perdido suas posições privilegiadas tanto nas Forças Armadas como nos serviços de segurança interna, os membros da tribo Suni passaram a ser a espinha dorsal da insurreição.[15] As tribos contribuem com dinheiro, mão de obra, inteligência e apoio para a exfiltração e a evasão depois do ataque.[16]

Como se localizam os insurretos em uma rede tribal? A análise de redes sociais oferece ferramentas valiosas para um melhor entendimento das organizações tribais e para identificar os elos entre as tribos e os insurretos. Essa análise consiste em mapear e medir as relações e fluxos entre pessoas, grupos, organizações e computadores ou outras entidades de processamento de conhecimentos. Esses métodos provaram ser muito eficientes na captura de Saddam Hussein. O 104º Batalhão de Inteligência Militar desenvolveu um programa de redes sociais denominado *Mongo Link* para traçar as relações pessoais empregando os dados recebidos dos informantes iraquianos, patrulhas militares, interceptação eletrônica e uma variedade de outras fontes. Uma das 62.500 conexões levaram diretamente a Saddam.[17]

Os recursos da análise de redes sociais, como os que estão sendo desenvolvidos na Seção de Pesquisa Naval, identificam como interferir em uma rede e difundir ao máximo, idéias, desinformações e materiais, intervindo nos indivíduos-chave. Ao empregar dados referentes aos membros do Serviço de Inteligência iraquiano e suas relações pessoais nas redes tribais no Iraque, a análise de redes sociais pôde descrever as redes terroristas, antever suas ações e seus alvos e interromper a capacidade operativa dos insurretos.

Material

A capacidade dos insurretos em fabricar explosivos improvisados depende da disponibilidade de materiais necessários, principalmente explosivos. A grande disponibilidade de explosivos no Iraque significa que os insurretos terão os recursos materiais necessários por muitos anos. Aproximadamente 80 toneladas de potentes explosivos convencionais (principalmente *HMX* e *RDX*) desapareceram da antiga base militar iraquiana em Al Qaqaa. Esses explosivos podem produzir bombas poderosas capazes de destruir aviões ou edifícios e, provavelmente, já se encontram nas mãos dos insurretos.[18] O diretor da unidade de polícia iraquiana que desativa e investiga os explosivos improvisados fez a seguinte observação: "Um dos grandes erros da coalizão foi permitir que os terroristas entrassem nos depósitos do exército.... Os terroristas tiraram todos os explosivos que irão necessitar."[19] O fato de a insurgência estar diretamente ligada ao sistema tribal sunita nos leva a concluir que provavelmente alguns dos xeiques saibam onde estão armazenados esses explosivos. Os xeiques são vulneráveis tanto pelo seu amor à honra quanto o seu amor pelo dinheiro. Embora esses xeiques não possam ser pressionados a divulgar a localização dos explosivos por meio da apelação à honra, uma vez que nos consideram adversários infiéis, eles são vulneráveis às ofertas financeiras. Um adágio iraquiano diz que não se pode comprar uma tribo, mas sem dúvida alguma, pode-se contratar uma.[20]

A capacidade de comprar a lealdade de uma tribo é uma

faceta do sistema de patronagem no Iraque. Os patrões de maior poder aquisitivo da tribo distribuem riquezas e presentes para os seus subalternos. Os xeiques, que se encontram no penúltimo lugar no sistema de patronagem, têm a responsabilidade social de distribuir dinheiro aos sub-xeiques que, por sua vez, distribuem os recursos aos membros tribais. Portanto, os xeiques sempre precisam de dinheiro para manter a lealdade dos sub-xeiques. As forças da coalizão devem usar este sistema de patronagem para comprar temporariamente a lealdade da tribo. Ao fazerem isso, devem ter a precaução de não oferecer dinheiro como uma "recompensa" em troca de informações sobre a localização dos explosivos, mas sim para mostrar boa vontade para o xeique, combinada a uma solicitação humilde de apoio.

A População Local

A insurreição procura dois tipos de apoio da população: ativo e passivo. A população proporciona o apoio ativo por meio do transporte, colocação e detonação de bombas. Os insurretos obtêm a cooperação da população ao usar a coerção, ameaças e remuneração financeira. A população oferece o apoio passivo ao permitir que os insurretos escapem e "desapareçam" no meio do povo. Nessa situação, os insurretos levam vantagem, porque os elementos remanescentes do serviço de inteligência e segurança de Saddam sabem quem é leal, onde mora e com quem se associa.[21]

Mesmo quando os iraquianos não concordam com os objetivos ou métodos dos insurretos, eles têm medo de uma retaliação, deixando assim de auxiliar o governo interino do Iraque. A chave da vitória na guerra contra a insurreição consiste em separar a população dos insurretos. Como disse Mao Tse-tung: "A população é água, o Exército Vermelho são os peixes; sem água os peixes morrerão."[22] A separação entre insurretos e a população que os apóia exige o fornecimento de segurança econômica, social e policial aos civis, o estabelecimento da confiança, especialmente por meio de relacionamentos a longo prazo e a retirada dos incentivos para apoiar ou unir-se à insurreição.***MR***

Referências

1. HEDGES, Stephen J. "U.S. battles low-tech threat," Iraq.net, Disponível em www.washingtontimes.com/national/20041008-123148-3363r.htm. Acessado em: 25 out 2004.
2. SCARBOROUGH, Rowan. "Saddam's spies had grip on Iraq", Washington Times, 8 out 2004.
3. DUELFER, Charles. "Comprehensive Report of the Special Advisor to the DCI" sobre as armas de destruição em massa. Disponível em: <www.cia.gov/cia/reports/iraq_wmd_2004/index.html> Acesso em: 6 out 2004.
4. Ibíd.
5. RITTER,Scott. "Defining the Resistance in Iraq — It's not Foreign and It's Well Prepared." Christian Science Monitor, 10 nov 2003.
6. Ibíd.
7. Centurion Risk Assessment Services, Ltd., Iraq Security. Disponível em: www.militaryreporters.org/centurion9-18-03.html. Acessado em: 18 set 2003; CAPOBIANCO, James A. IEDs. "Enemy Steps Up Attacks Using Explosive Devices." Infantry Magazine (Winter 2003).
8. RIPLEY, Tim. "The Insurgency Threat in Southern Iraq." Jane's, 20 fev 2004. Até agora foram identificados quatro tipos distintos de explosivos improvisados, inclusive os dispositivos mecanicamente acionados; os dispositivos magnéticos montados embaixo de carros e os dispositivos de controle eletrônico e controlados por rádio.
9. O General Martin Dempsey, da 1ª Divisão Blindada do V Corpo de Exército, durante uma apresentação sobre as operações no Iraque. Disponível em: www.vcorps.army.mil/news/2004/jan5_brief.htm, Acesso em: 4 fev 2005.
10. SHANKER, Thom. "Saddam's Secret Service Planned for Insurgency." Pentagon Finds. New York Times, 29 abr 2004.
11. Ripley.
12. Associated Press. "Iraq Insurgency Larger than Thought. USA Today, Disponível em: www.usatoday.com/news/world/iraq/2004-07-08-insurgency-count_x.htm, Acessado em: 8 jul 2004.
13. MACFARQUHAR, Neil. "In Iraq's Tribes, U.S. Faces a Wild Card." New York Times, 7 jan 2003.
14. JABAR, Faleh a. "How Saddam keeps power in Iraq." Le Monde Diplomatique (outubro 2002).
15. BARAM, Amatzia. "Victory in Iraq, One Tribe at a Time." New York Times, 28 out 2003.
16. MCGEOUGH, Paul. "Inside the Resistance." Sydney Morning Herald, 16 ago 2003.
17. FASSIHI, Farnaz. "Two Novice Gumshoes Charted The Capture Of Saddam Hussein." Wall Street Journal, 18 dez 2003.
18. GLANZ, James; BROAD, William J; SANG e David E. Huge. "Cache of Explosives Vanished from Site in Iraq." New York Times, 25 out 2004.
19. KERKSTRA, Patrick. "Shadowy Insurgency in Iraq is Built on Homemade Bombs." Philadelphia Inquirer, 28 out 2004.
20. Baram.
21. RITTER. Segundo Ritter. "Uma realização atemorizante nos assolou quando entramos em uma sala do tamanho de um ginásio e vimos que foi pintado no piso um gigante mapa da vizinhança. Os lados das ruas estavam interrompidos por caixas metálicas empilhadas umas em cima das outras — cada pilha representava uma casa ou edifício de apartamentos. Um edifício de três andares, por exemplo, tinha três níveis de caixas; cada caixa continha informes detalhados de cada cidadão que morou nesse andar. Havia unidades similares em outras vizinhanças, inclusive os que se consideravam 'contra o regime.'"
22. TSE-TUNG, Mao citado por David Clark. "To explain is not to excuse." The Guardian, 21 set 2001. Disponível em: www.guardian.co.uk/wtccrash/0,1300,555444,00.html>, Acesso em: 4 fev 2005.

A Doutora Montgomery McFate é membro da American Association for the Advancement of Science Defense Policy *na Seção de Investigação Naval em Arlington, Virginia. Possui o título de Bacharel pela* University of California, *em Berkeley, o de Mestre e Ph.D pela Universidade de Yale, e Doutorado em Jurisprudência pela Faculdade de Direito de Harvard.*